

Biblioteca Anarquista



Os Novos Trajes do Desenvolvimentismo Capitalista

Miguel Amorós

Miguel Amorós
Os Novos Trajes do Desenvolvimentismo Capitalista
21 de Maio de 2019

archivo.kaosenlared.net

Titulo Original: **Los trajes nuevos del desarrollismo capitalista.**
Tradução e Revisão por André Tunes @*Nucleo de Estudos Autonomo*
Anarco Comunista.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

bibliotecaanarquista.org

21 de Maio de 2019

Conteúdo

O novo período verde do capitalismo e sua vanguarda ecológica e cidadã	3
--	---

cionistas. Todos os seus esforços se dedicam a adequar o modo de vida industrial e consumista com a preservação do meio ambiente, embora os resultados não tenham sido promissores até hoje: as emissões de gases de efeito estufa, longe de serem reduzidas conforme estabelecido pelos acordos internacionais, atingiram números recordes. Com o otimismo de um novato recém-iluminado, eles querem fazer um crescimento econômico, necessário para a sobrevivência do capitalismo, e que o território, necessário para a conservação da biodiversidade, pelo menos na aparência, eles se dão muito bem, não importa o quanto a temperatura global continue subindo e o tempo esteja se degradando. Vantagens incomparáveis do método simbiótico e da narrativa reformista!

Os responsáveis pelo aquecimento global e poluição, e os responsáveis pela precariedade e exclusão são os mesmos, mas aqueles que os combatem geralmente não são. São dois campos de batalha, o do desequilíbrio e o da desigualdade, que não acabam se unindo e não porque uma coorte de burocratas profissionais parece estar sob as pedras que tenta construir um futuro agindo como um intermediário. Os aspirantes a dirigentes têm os dias contados porque as pessoas comuns perdem mansidão quando seus meios de subsistência são afetados e deixam de ser domadas com a facilidade de dias abundantes em climas menos agressivos. O ponto fraco do capital mundial não está no clima, nem na saúde, mas nos suprimentos. O dia em que o sistema tecnoindustrial – bem dos mercados, bem do Estado – deixa de atender às necessidades de uma parte importante da população, ou seja, quando a oferta falha devido ao clima ou a qualquer outro fator, a era das insurreições virá. Um sistema falido que dificulta a mobilidade de seus súditos e os coloca em perigo imediato de inanição, é um sistema de cadáveres. É provável que estruturas comunitárias, fundamentais para garantir a autonomia das revoltas, sejam recompostas no calor da resposta. Se a sociedade civil consegue se organizar fora das instituições e das burocracias, então as lutas ambientais vão convergir com os salários, ao mesmo tempo em que refletem sobre a práxis de uma consciência social unificada. E revelará todo o seu significado que o slogan ouviu entre a rebelião francesa dos “coletes amarelos”: “fim do mês, fim do mundo”.

cidadanista também não querem acabar com o Estado, a grande árvore sob cuja sombra suas carreiras pessoais prosperam e suas estratégias de colocação funcionam. A crise ecológica é reduzida por essa ecologia cativa a um problema político solucionável pelas alturas graças ao New Deal Verde estilo Roosevelt: um novo pacto para a economia global entre a classe dominante mundial, a burocracia política e seus assessores ambientais que impõe as medidas para a redução das emissões de poluentes e o armazenamento de dióxido de carbono atmosférico que não puderam impor as múltiplas conferências sobre mudança climática. Algo extremamente suspeito, como tudo que vem do sistema. Estratégias cidadanistas “duplas” são “simbióticas”, não rupturistas. Os ecossistemas seriam restaurados através da harmonização de interesses conflitantes internos. A dualidade consiste precisamente em colaborar (agindo em simbiose) com as instituições, por um lado, e mobilizar as massas sensíveis à catástrofe, por outro. No entanto, as mobilizações nada mais são do que uma demonstração espetacular de apoio puramente simbólico. Não aspire muito, já que eles não questionam o status quo, não dizendo uma palavra sobre a simbiose de governos que pressionam com os mercados, o crescimento ou a globalização.

É um fato comprovado que, desde a cúpula de Johannesburgo em 2002, se não antes, o mundo capitalista está ciente de que sua operação descontrolada produz um nível de destruição tão grande que corre o risco de entrar em colapso. É mais do que evidente que, apesar da resistência à regulação por parte de países cuja estabilidade e influência dependem de um difícil extrativismo ou de um desenvolvimento irrestrito, o capitalismo como um todo entrou em uma fase de desenvolvimento sustentável e tenta estabelecer controles (Agenda 21, criação do Fundo Verde para o Clima, quinto relatório do IPCC, Acordo de Paris, a COP-24 diversa). É compreensível a cooptação dos líderes “verdes” pelas instâncias do poder, e isso explica a epidemia de realismo e oportunismo que tomou conta da mídia ambientalista “em ação” a ponto de provocar uma avalanche de demandas de emprego em o terreno político-administrativo. Os militantes não querem fechar as portas e menos quando há uma boa remuneração no meio, então todos os ideais são mantidos no seu bolso. Na verdade, não são apenas os capitalistas que vencem com um estado de alarme. O novo ambientalismo subsidiado segue o rastro do

desenvolvimentismo “verde” baseado em energias industriais “renováveis” e sustenta os dirigentes alarmistas do capitalismo contra os nega-

Palestras em 12 de maio de 2019 na feira de troca de livros em L’Orxa (Alicante) e em 18 de maio na Biblioteca Social El Rebrot Bord, Albaida (Valência).

O novo período verde do capitalismo e sua vanguarda ecológica e cidadã

O mundo capitalista se debate em uma crise ecológica sem precedentes que ameaça sua continuidade como um sistema baseado na busca por benefício privado. Da poluição do ar, da água e do solo ao acúmulo de resíduos e lixo; desde o esgotamento dos recursos naturais até a extinção das espécies; da maré urbanizadora à mudança climática; parece que uma espada de Dâmoles paira sobre a sociedade de mercado. Dirigentes de todas as esferas de atividade mostram sua preocupação com uma inevitável degradação ambiental, passando a considerar uma reorganização da produção e do consumo de acordo com imperativos ecológicos inevitáveis. São muito os convencidos de que o sistema de exploração capitalista não pode ser mantido de outra forma. A contradição entre o crescimento (o acúmulo de capital) e seus efeitos destrutivos (o desastre ecológico) deve ser superada com um compromisso entre indústria e natureza, ou melhor entre suas respectivas representações espetaculares: de um lado, os altos executivos e os outros ambientalistas patenteados. Entramos em um novo período do capitalismo, o estágio “verde”, onde novos gadgets e sistemas tecnológicos – as usinas “renováveis”, carros elétricos, OGM, big data, redes 5G etc. – tentarão harmonizar o desenvolvimento econômico com o território e os recursos que abrigam, facilitando assim o crescimento “sustentável” e compatibilizando o modo de vida atual, motorizado e consumista, com o ambiente natural, ou melhor, com o que resta dele. A “transição energética” é apenas um aspecto da “transição econômica” para o ecocapitalismo, que, a partir da incorporação selvagem (neoliberal) da natureza ao mercado, chega agora a um estágio em que a mercantilização será regulada por mecanismos corporativos e estatais. É uma grande operação industrial, financeira e política que mudará tudo para que nada mude, para que tudo permaneça igual.

As novas tecnologias introduzidas após 1945, no período pós-guerra (fabricação de cimento, fertilizantes, aditivos e detergentes, motores de

alta potência, aditivos, usinas térmicas, “átomos para a paz”, etc.) foram os fatores que desencadearam a pilhagem de recursos, a emissão de poluentes e a metropolização, aumentando exponencialmente o poder das corporações transnacionais. O crescimento econômico tornou-se um elemento destrutivo de primeira ordem, mas também, na principal causa de estabilização social, de eficiência muito maior que os sindicatos ou partidos trabalhistas. Consequentemente, o desenvolvimentismo começou a moldar as políticas de todos os tipos de governos. O emprego era, pelo trabalhador, o único meio de acesso ao status de consumidor, motorista e habitante da periferia, assim a criação de empregos tornou-se o objetivo primário da “classe política”, tanto da direita quanto da esquerda. Os interesses imediatos da massa assalariada integrada no mercado estavam alinhados com os dos empresários e partidos, a ponto de se opor fortemente a qualquer corretivo ecológico que coloque em risco o crescimento e, conseqüentemente, o emprego. Em última análise, “morrer de câncer é preferível a morrer de fome”, como disseram alguns. Infelizmente, os trabalhadores têm sido grandes defensores da continuidade dos negócios, da urbanização e do parlamentarismo, independentemente do impacto negativo que isso possa ter em seu ambiente, sua liberdade ou suas vidas. É por isso que a consciência ecológica se cristalizou quase exclusivamente em setores quase inativos ou quase laborais, como acadêmicos, neo-rurais, precários, estudantes ou pensionistas. A luta contra a nocividade tem diante de si uma barreira social difícil de superar, enquanto a defesa do trabalho é uma prioridade para a maioria da população; se a contradição não for superada, a defesa das instituições irá à frente da defesa do território e da autonomia das lutas.

Diante de uma situação politicamente e socialmente bloqueada, a classe dominante internacional toma a iniciativa de dirigir em seu próprio benefício e sem oposição real a longa marcha da economia tecnoindustrial rumo à lucrativa “sustentabilidade”, ora eliminando empregos antigos, ora criando novos. A destruição contínua e até aumenta, mas é certamente sobre salvar o capitalismo, não o planeta. A ecologia extractiva produz lucros mesmo a curto prazo, no entanto, os mercados não são suficientemente fortes para iniciar um processo de conversão “verde”, nem as inovações tecnológicas, em vista das quais os primeiros passos dependem em grande parte do Estado. É o Estado que tem que canalizar os protestos, incentivar a formação de uma elite ambiental pragmática e abrir o caminho para o novo capitalismo verde, chegando se for necessário

promulgar um “estado de alarme climático”. Consequentemente, a crise ecológica – que hoje é apresentada como uma questão de clima – torna-se trivialmente política. Enquanto isso, o movimento ambientalista é infiltrado por agentes de multinacionais e comprado com recursos de origens variadas, resultando em uma rede política de influências a serviço de um novo capitalismo. Como aconteceu com as ONGs. Naquela época, a purificação de extremismos é necessária para a transformação da parte verde da decomposição em um instrumento da ordem dominante. A mensagem de moderação obediente aos pequenos slogans beligerantes não alcançaria as massas manipuláveis se os “fundamentalistas” antissistema não fossem isolados o mais cedo possível, ou como dizem as hierarquias informais do ecologismo-espetáculo, “em ponte”¹.

O movimento contra a alteração do clima deu origem a uma “marca” registrada, Extinção/ Rebelião, que abrange o flanco ambientalista da cidadania de esquerda, fornecendo argumentos a favor da mediação estatal da crise. Aqueles que apelam ao Estado certamente não podem ser rotulados como “radicais”, pois, embora sejam contra a “extinção”, não são contra o capital. Nem contra qualquer responsável específico; Um de seus princípios é o seguinte: “Evitamos acusar e apontar pessoas, porque vivemos em um sistema tóxico”. Nenhum indivíduo específico (nenhum dirigente) pode ser considerado culpado de qualquer coisa. Para uma mentalidade de escalada, nem todos os dirigentes, nem todos os capitalistas, são iguais, e as reformas ecológicas podem até ser benéficas para a maioria. Eles são potenciais aliados e benfeitores. Assim, os objetivos declarados da eco-cidadania não vão para lá. Se limitam a pressionar os governos a forçá-los a “dizer a verdade aos cidadãos”, tomar medidas de “descarbonização” previstas na “transição energética” e decretar a criação de “assembleias de cidadãos de supervisão”, verdadeiros trampolins políticos para o andar de cima. Sua arma: A mobilização não-violenta de 3,5% dos “cidadãos”. Não há revoluções, porque implicam violência e não respeitam a “democracia”, isto é, o partido e o sistema de classificação. Eles não querem acabar com o regime capitalista, eles querem transformá-lo, tornando-o “circular” e “neutro em carbono”. Não vamos esquecer que a maioria dos resíduos é irrecuperável e que a produção de energia “limpa” implica o consumo de enormes quantidades de combustíveis fósseis. Os profissionais da ecologia

¹ “puenteados” Comunicar algo a um superior ignorando uma etapa hierárquica ou uma ordem lógica.